

## A MENSAGEM DO MENINO

**P**AI, não continues a desprezar-me. Mestre, não me escarneças.

Quanto, quanto me desconheceis ainda!... Mas, nada vos disse Rousseau, nem o solitário de NeuhoF, nem Ellen Key?

Não, não sou um homem em miniatura como dizeis. Então, para que importunam-me com um tipo de homem exemplar cujo ofício vos empenhais em ensinar-me? E para que vos dáis tanta pressa em «preparar-me para a vida?» Supondo que esse amanhã incerto chegasse, vou por acaso viver a vida que vós quereis e da qual nada fiz?

Nem tu, pai, nem tu, mestre, sabeis se chegarei a homem. E se me calhasse morrer ao apontar da manhã, antes de conhecer a adolescência, que tremenda angústia vos roeria por me não deixardes brincar em vez de me oprimir com essas coisas que chamais úteis e que me enfaçam irremediavelmente!

Mesmo, não sabeis o que será o porvir. Portanto, para que preparar-me para uma estrutura social que não sois capazes de sonhar?

Sou menino, pai; nada mais que menino. Ouves, mestre? Posso as maneiras próprias de ver, de pensar, de agir, de sentir. Nada me roubeis da minha puerícia!

Nada me deis que esteja fóra da minha puerícia! A vida me curvará os ombros. Agora, deixai-me viver alegre e ditoso esta plenitude que é a infância.

Estou já no meu século e quero ser menino, menino perfeito. Quanto mais menino seja hoje, mais homem serei amanhã. Para isto deveis ajudar-me. Começai por respeitar a minha personalidade e com ella os meus direitos tantas vezes proclamados, os meus interesses, as minhas necessidades.

Não me deis ideias feitas, nem moldes, nem dogmas, sobretudo. Só eu pensarei os meus pensamentos. Como a abelha, extrairé o suco de todas as flores que eu escolha e farei o meu mel.

Não sufocais a minha curiosidade nem as minhas actividades; não vos molestéis com nenhuma das minhas perguntas e problemas.

Pai, dá-me toda a ternura do teu peito. Mestre, dá-me todo o amor do teu coração. Muito amor e muita ternura, eis o que sempre necessito, sempre.

PEDRO B. FRANCO

## Arte de elites?

## Arte popular?

de ARTUR JUSTINO

A Arte contemporânea tem sofrido críticas—e não poucas—por se ter desviado (e tender a cada vez mais se afastar) da universalidade que, segundo os irredutíveis aristarccs, a devia caracterizar. Arte de elites não interessa, afirmam, inabaláveis. E' preciso que a Arte desça às choupanas dos desherdados, afim de que, concomitantemente, estes subam um pouco, acima do seu actual nível de vida. O valor duma obra de Arte deve medir-se sempre «pelo grau de contágio daquilo que ela exprime». Quanto mais extenso for este contágio, quanto mais generalizada for a sua acção—tanto mais valiosa é a obra de Arte. O quilate duma manifestação artística é assim determinado por um método sêcamente estatístico, aritmético. Longe de mim a ideia de que a Arte não deva descer às choupanas. O que me parece inviável, porém, é a consecução d'êste desideratum, simplesmente pedagógico—sem o consequente aviltamento da Arte. Seria pois de deitender uma Arte de iniciação, popular—ao lado da Arte adulta, definitiva... E esta, como é de ver-se, apenas pode prender a atenção dum individuo culto.

Revoltam-se contra o hermetismo duma Arte difficil—incapaz de tocar os corações do vulgo. Anseiam por ver plasmados os sentimentos profundos, medulares, que electrizam as massas—e as dominam e as levam e as desvaliram. E afirmam, tácita ou até explicitamente, que não vem daqui grande mal à valia da Arte. Não curam, porém, de futurar a veracidade do que a priori sustentam. Os mais d'elles falam com a estouvada incipiência dos teóricos; constroem um lindo castelo de cartas, que não resiste ao primeiro sopro. Outros, e entre estes o supremo exemplo de Tolstoi, buscando dar realização prática aos princípios affirmados, faliram estrondosamente. Pôsto não se possa negar a accessibilidade, sob certos aspectos, da Ressurreição, o que de melhor há neste livro transcende os acanhados limites duma mentalidade «maior-número». Qual a razão desta falência? Haverá alguma causa sêria que fundamente tal incapacidade, ou será ella meramente fortuita, ocasional?

Sem pretensões dogmáticas, expomos a nossa opinião. Tolstoi só tinha a escolher entre o ser vulgar, plano, incaracterístico—e o abandonar as doutrinas, que afinadamente defendera. Porque, numa civilização como a nossa, legatária dum milenário passado artístico, o dilema pôsto ao artista é este: ou repetes o que já foi dito, ou te desvias dos grandes temas. Os grandes temas, os únicos capazes de prender as multidões, já deram tudo o que tinham a dar. Só uma genialidade imensa, extraordinária, pode ainda encontrar nêles alguma faceta inédita. Mas tais genialidades são raras—e o matiz especial duma dada época artística é mais determinado pela poeira dos artistas medíocres, do que pelos poucos expoentes máximos, que entre elles avultam.

A Arte particularizou-se. Outrora, o artista exprimia o que nêle sentia de mais universal, de comum a todo o irmão-homem, e que, em grau excepcional, nêle se manifestasse. Era bem o porta-voz da emotividade colectiva. Condensava em si mesmo a sensibilidade dum povo, quando não de toda a humanidade. Hoje, aquilo que o artista percebe em si mesmo de geral é forçosamente desinteressante, por vulgar. Parece-lhe ser um eco longinquo da sua cultura—e muitas vezes não é. Tão esgotados, espremidos, são êsses temas, que há uma quasi impossibilidade do artista se sentir irmão dos outros homens (no campo da Arte, já se vê) sem se sentir, simultaneamente, como que plagiário.

Assim a Arte desceu dos grandes para os pequenos assuntos; deixou de exprimir o comum para se dedicar exclusivamente ao diferencial. Deve o artista moderno ter sempre presente: só o que é meu, muito meu e só meu, merece concretizar-se em forma de Arte. E como é restrito o número dos que se identificam comigo neste sentir—restrito será o meu público. Se eu quero, verdadeiramente, trazer aos homens uma mensagem nova—não posso ambicionar a compreensão do grande número. Há a adaptação, bem o sei; mas a adaptação é lenta e a vida gira breve.

Para que os grandes assuntos, os motivos soberanos, novamente merecessem ser tratados, era mister queimar as bibliotecas, incendiar os museus, destruir os monumentos. Só então o homem, regressando à virginal pureza do inicio, teria precisão de percorrer caminhos já percorridos. Mas para quê resolver problemas já resolvidos? Para quê voltar a uma origem, de que não nos podemos orgulhar?